



ENTREVISTA COM PÓK RIBEIRO: O CORPO QUE É MEU INTERVIEW WITH POK RIBEIRO: A BODY THAT IS MINE

Inés HORTAL¹  

RESUMO: Entrevista com a poeta Pók Ribeiro, que atua no coletivo *Vozes-Mulheres*, na cidade de Ilhéus na Bahia, onde também atua como professora da Educação Básica e pesquisadora do programa de doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Na entrevista, Inés Hortal, da Universidad Andrés Bello, busca compreender como a poetisa costura na sua obra e na sua atuação no coletivo a necessidade de resistir aos modelos que aprisionam e oprimem os anseios, as experiências e as lutas das mulheres contemporâneas.

Palavras-chave: Entrevista. Poesia. Resistência feminina. Corpo. Ativismo

ABSTRACT: Interview with the poet Pók Ribeiro, who works in the *Vozes-Mulheres* collective, in the city of Ilhéus in Bahia, where she also works as a Basic Education teacher and researcher in the PhD program in Literature at the State University of Santa Cruz (UESC). In the interview, Inés Hortal, from Universidad Andrés Bello, seeks to understand how the poet weaves in her work and in her actions in the collective the need to resist the models that imprison and oppress contemporary women's desires, experiences, and struggles.

Keywords: Interview. Poetry. Female resistance. Body. Activism

RESUMEN: Entrevista a la poeta Pók Ribeiro, quien trabaja en el colectivo *Vozes-Mulheres*, en la ciudad de Ilhéus, en Bahía, donde también actúa como docente de Educación Básica e investigadora en el programa de Doctorado en Literatura de la Universidad Estadual de Santa Cruz. (UESC). En la entrevista, Inés Hortal, de la Universidad Andrés Bello, busca comprender cómo la poeta teje en su obra y en su accionar en lo colectivo la necesidad de resistir los modelos que aprisionan y oprimen los deseos, experiencias y luchas de las mujeres contemporâneas.

Palabras-Clave : Entrevista. Poesía. Resistencia femenina. Cuerpo. Activismo

¹ Doutora do Departamento de Inglês, da Facultad de Educación y Ciencias Sociales, pertencente a Universidad Andrés Bello (Viña del Mar, Chile). E-mail: ineshortal@hotmail.com

Entrevista com Pók Ribeiro: o corpo que é meu

A entrevista é um exercício de exploração que transcende os limites da mera conversa para entrar nos labirintos da alma criativa e reflexiva. Neste contexto, a poesia feminina surge como um espaço de reivindicação, expressão e resistência, onde o corpo se torna uma tela onde se inscrevem as experiências, anseios e lutas da mulher contemporânea. Nesta procura de representação, os coletivos de enunciação são plataformas de voz coletiva, onde as vozes individuais se entrelaçam para tecer uma tapeçaria de identidades diversas e plurais. Nesta entrevista, vamos mergulhar no universo poético de uma mulher que desafia os cânones estabelecidos, explorando o cruzamento entre a palavra, o corpo e a construção de subjetividades no contexto da poesia contemporânea.

Pók Ribeiro, é poeta brasileira e catingueira que cria e atua com outras mulheres nos semiáridos baianos, escritora, pesquisadora e professora da Educação Básica, na rede pública. É doutoranda em Letras: Linguagens e Representações pelo PPGL – UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil. Em Pók Ribeiro vemos não apenas a poeta, mas o coletivo de corpos e palavras de mulheres que dizem “Nas mulheres dizendo sobre nós e para nós e para o mundo”. Seus versos são de insurreição, de liberdade, de formas de dizer e ouvir, de expressar: O corpo que é meu.²

IO. Como membro do Coletivo Vozes-Mulheres: além das margens e pesquisadora da poética feminina nos semiáridos baianos, ¿você poderia compartilhar alguma experiência ou projeto em particular que tenha tido um impacto significativo em sua perspectiva poética e política?

PR. A própria experiência de organização coletiva de mulheres que escrevem, atua, produzem, pesquisam, criam conjuntamente, em enfrentamento a todo uma rede de opressões e silenciamentos, já carrega em si impactos significativos e transformadores, numa perspectiva poética-política e social. Por meio da atuação coletiva, da partilha das angústias, desejos, vivências, saberes e das próprias escritas, nós, mulheres que escrevemos de modo independente, distantes dos grandes centros e das ações do mercado editorial dominante, vamos nos fortalecendo e construindo estratégias de enfrentamento às anulações e invisibilizações que nos afetam. A escolha pela ação/produção poética coletiva é, antes de tudo, política e resistente, e atravessa fortemente a minha atuação enquanto pesquisadora, tendo em vista que o *corpus* da minha atual pesquisa de doutoramento em Letras: Linguagens e Representações, pelo PPGL – UESC, é composto por duas obras poéticas de autoria coletiva de mulheres semiáridas, atravessadas pelas questões de gênero, raça, territorialidade, classe e outros marcadores sociais.

² Nas respostas dadas pela entrevistada, o seu nome será reduzido às iniciais do seu nome próprio e apelido para facilitar a leitura, bem como a do entrevistador.

Neste entrecruzamento poético-político-acadêmico, guiado pela força coletiva, posso destacar, também, o projeto literário de produção da plaquete *Úmidas* que reúne poemas eróticos produzidos em comunhão por mim e pelas poetas e arteiras parceiras Ádila Madança e SertãoSol, bem como a nossa participação em eventos literários do estado, onde pudemos expor nossas criações artísticas-literárias.

IO. Você mencionou que experimentou a prosa em sua escrita. ¿Poderia nos contar mais sobre essa exploração e como ela influencia seu trabalho poético? ¿Qual é a relação entre prosa e poesia em seu trabalho?

PR: Sim, já há algum tempo tenho experimentado a prosa em meus processos de escrita, deixando que ela também escreva meu corpo e minha palavra, numa alquimia de vozes, espaços, linguagens e sentidos, visto que em oralidade, prosa e poesia sempre estiveram em profusão e construíram minha infância, nas estórias contadas nas calçadas, à tardinha, pelas vozes ancestrais que povoaram o chão de onde vim.

Inicialmente, aventurei-me pela escrita da prosa quando sentia que o poema desejava extrapolar as bordas da sua forma e das minhas escolhas sintáticas. O poema transbordava e eu recorria à prosa buscando guardar seus derramamentos, porém não me sentia segura e/ou capaz de afirmar-me uma escritora de contos e crônicas, inclusive, porque algumas críticas apontavam em tom de censura que aquela minha prosa seria “poética demais”. Foi assim, provocada pela própria ânsia de transbordamento da minha criação poética, que busquei estudar um tanto mais sobre a escrita em prosa, ao mesmo tempo em que ia me aventurando pela leitura das obras do filósofo franco-magrebino Jacques Derrida que compreendi, graças às ideias de disseminação e contaminação, que não há problema que a minha escrita em prosa seja também poética, assim como o poema ser proseado. Os textos, os gêneros, se disseminam, contaminam, transbordam e assim ampliam os sentidos e alcances.

Enfim, em razão desse movimento entre textos e olhares, hoje minha escrita não se acanha de ser trânsito, mistura, voz plural; é confluência prosa-poética contínua.

IO. Você publicou vários trabalhos ao longo dos anos. ¿Poderia nos contar um pouco sobre o significado por trás de títulos como "Pedilua", "Endométrio" e "Os Dedos de Maria"? ¿Que temas ou conceitos você explora nesses trabalhos e como eles se relacionam com sua identidade de poeta dissidente?

PR. Tanto a escolha dos poemas que compõem cada obra, como dos seus títulos, é atravessada pela afetividade, a voz do corpo no espaço, o olhar agudo sobre o mundo e o jogo com

as palavras. Não raro algum poema grita o título de toda a obra e se o poema diz, eu acolho. A obra “Pedilua”, publicada em 2017, teve esse título escolhido a partir de um dos poemas que compõem a obra, em que brinquei com a sonoridade das palavras *pé* e *lua*, buscando marcar as particularidades da nossa oralidade catingueira e um lirismo mais entrelaçado aos elementos e manifestações da natureza.

Já a escolha do título da obra “Endométrio”, de 2019, deu-se pela intencionalidade em destacar o corpo feminino e todas as violências, explorações, dores e gozos que atravessam a existência das mulheres numa sociedade patriarcal e capitalista. É o endométrio como lugar de germinação da poesia, do grito de resistência, da denúncia às violências e não apenas uma parte de útero, esse órgão destinado à reprodução humana. Nessa obra, em específico, a minha experiência pessoal como portadora de Endometriose, uma enfermidade crônica que afeta mulheres e interfere diretamente em nossa qualidade de vida, em virtude das dores, sangramentos e estigmas, foi decisiva para a escolha do título. Por fim, “Os dedos de Maria” faz referência à força e criação das mulheres, essas tantas Marias de/entre nós. A escolha pelos dedos, ao invés de mãos ou outro elemento que as identificasse é também proposital e dissidente, seja numa perspectiva de releitura da obra “A criação de Adão” de Michelangelo, onde dedos de homens têm poder de criação, seja pela ideia de gozo e liberdade provocada pelos dedos femininos. Assim, a escolha de cada título é mais poética-política que comercial.

IO. Em "Os Dedos de Maria", você menciona que os poemas enfocam as experiências das mulheres na sociedade, mas também indica que a obra não se limita a um lugar ou categoria específica. ¿Você poderia explicar melhor como aborda a universalidade das experiências das mulheres em sua poesia e como se conecta com um público mais amplo?

PR. Sim, muito embora todos os poemas sejam intitulados com nomes de mulheres-marias e tragam essa voz de uma mulher, numa perspectiva enunciativa poético-política que mobiliza as relações de gênero, a obra transversaliza outras temáticas sociopolíticas com lirismo, metaforizando o nosso existir em sociedade. Assim, partindo da potência criadora e instigadora da palavra, dos metaforismos e jogos sintáticos, os poemas que compõem a obra “Os dedos de Maria”, transcendem qualquer possibilidade de enquadramento binário e, por meio de recursos estilísticos variados conectam-se a um público diverso, sobretudo por possibilitarem uma viagem de sentidos, memórias e experiências afetivas e sociais, atravessadas pelas figuras femininas que constroem a nossa teia existencial no mundo.

“Os dedos de Maria” dizem sobre sentimentos, sensações, memórias, indignações a um/a leitor/a que também sente, recorda e rebela-se nessa sociedade marcada pelas assimetrias e apagamentos, sobretudo de gênero, raciais, territoriais e de classe. E mais ainda, a obra é a celebração do grito que rompe as múltiplas camadas de invisibilização e ecoa as vozes, tons, saberes e poéticas das mulheres que vieram antes de nós e muitos fizeram para que nossa palavra voasse além.

IO. O livro "Os dedos de Maria" parece ser uma celebração da (re)existência em uma sociedade desigual. ¿Qual é a principal mensagem que você espera transmitir aos seus leitores por meio dessa coleção de poemas - mulheres? ¿Como você acha que a poesia pode servir como um "sopro resiliente" em meio às desigualdades sociopolíticas?

PR. Muito se discute sobre uma possível função da Literatura e, não raro os defensores do poder canônico, atribuem aos textos literários mais reflexivos sociopoliticamente a pecha de panfletários. Importante refletirmos sobre a Literatura enquanto construção *entre* sujeitos, lugares, linguagens, temas; ela se constrói no encontro das vozes e sentidos de quem escreve com quem lê/ouve. É a palavra que brota da existência do outro e para o outro numa alteridade constante. Assim, apoiando-nos em Derrida (2014) podemos apontar que a literatura não tem uma natureza ou função em si mesma, mas na correlação com o outro, na contaminação, nessa força criadora que pulsa entre quem escreve e quem lê, entre contextos, de igual modo é na poesia de “Os dedos de Maria”. Foram as minhas relações sociais e familiares, rodeadas por outras mulheres, as leituras e escutas de diferentes vozes e vivências, os silenciamentos e subjogos, que conduziram a produção e escolha de cada poema da obra e eles carregam esse meu brado de resistência e liberdade que comporta os gritos e pensamentos abafados das mulheres que vieram antes de mim, bem como das que ainda me acompanham em luta afetiva e construção literária.

Sendo expressão mais íntima dos sujeitos em suas relações interpessoais, é no encontro com a outridade que a poesia se amplifica e vai despertando no outro essa ânsia por estar vivo e transformar, assim como outras produções literárias e linguagens artísticas. Não é a poesia, a literatura, as demais artes em si mesmas, isoladas, que provocam o outro para a resistência, mas sim os entrecruzamentos das vozes e subjetividades que permeiam quem escreve e quem lê/ouve/vê. É a movência dos encontros poéticos-políticos que impulsiona em nós os desejos de transformação dessa sociedade cisheteropatriarcal e capitalista, que nos quer apenas máquina de (re)produção.

IO. Como o reconhecimento e o apoio do programa Aldir Blanc - Bahia impactaram no desenvolvimento e no alcance do InterpoéticAS - Encontro Literário de mulheres poetas de diferentes territórios de identidade da Bahia ¿quais são os principais objetivos desse projeto?

PR. A Lei Aldir Blanc foi de extrema importância para o impulsionamento da produção literária e cultural no país, especialmente num momento crítico de mortes e falta de perspectivas, causadas pela pandemia do Covid-19. No que se refere, especialmente, à lei Aldir Blanc – Bahia pudemos contar com o fomento de vários projetos e iniciativas culturais oriundas do interior do estado, de territórios historicamente esquecidos e subjugados e, sobretudo, criados e conduzidos por sujeitos e grupos marginalizados, que sempre produziram arte e literatura de modo independente e resistente, porém sem conseguir romper a bolha do seu próprio espaço.

O InterpoéticAS foi um desses projetos, concebido e produzido coletivamente por mulheres fazedoras de cultura no interior da Bahia, que têm a literatura, principalmente a poesia, como fio condutor de suas existências nos espaços em que vivem e atuam. O projeto buscou firmar espaço e visibilidade para a criação artística de mulheres de vários territórios identitários do interior da Bahia, distantes dos grandes centros e excluídas do mercado editorial dominante, com o propósito de amplificar suas vozes literárias silenciadas e anuladas pelas limitações robustecidas tanto pela inacessibilidade a políticas de fomento, como também pelas habituais assimetrias de gênero.

InterpoéticAS contou com a produção de três encontros virtuais, considerando-se o contexto de isolamento social vivido no momento, em que foram apresentados pequenos vídeos litero-performáticos, onde essas mulheres poetas, artistas, atrizes apresentavam poemas autorais ou de outras mulheres do seu entorno, numa potente comunhão de vozes, corpos e espaços poéticos e de resistência. O projeto teve o apoio financeiro do Estado da Bahia, através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia, via Lei Aldir Blanc.³

IO. Qual é o principal objetivo da antologia de mulheres poetas dos semiáridos baianos, LiterÁridas, e quais são os temas e perspectivas que se destacam na poesia dessas autoras?

PR. LiterÁridas é um ajuntamento poético de 29 mulheres e um coletivo de mulheres poetas dos semiáridos baianos e nasceu da junção de nossos desejos por espaços de dizibilidade mais equânimes, onde as criações artísticas e literárias de mulheres semiáridas, pudessem ser lidas, ouvidas e circuladas pelos mais diversos espaços. Grande parte das mulheres que compõem a obra LiterÁridas nunca haviam publicado suas criações, seja pela falta de oportunidade e capital para

³ Encontra-se disponível para a apreciação do público neste endereço eletrônico:
<https://www.youtube.com/@InterpoeticAS>

publicação, seja porque guardavam seus escritos intimamente, com receio de mostrá-los, em decorrência das violências simbólicas referendadas pelo sistema patriarcal que colocam a mulher como um ser incapaz de produzir arte, saberes, literatura, apta apenas ao cuidado do lar e da família.

A obra já é pensada na pluralidade, desde a sua organização que conta com os sentidos e experiências de três poetisas, entre elas eu, vindas de territórios de identidade distintos, com experiências e saberes plurais, mas atravessadas pelas mesmas assimetrias de gênero e territorialidade e motivadas pela mesma ânsia de corpo-palavra-poesia em liberdade e eco. Já os poemas que compõem a obra, sendo dois de cada autora, abordam temas variados, mas destacam, sobretudo, o lugar político-poético da mulher que se posiciona em relação ao meio em que vive, que reflete suas vivências, partilha suas memórias e desejos, resgata marcas preciosas da ancestralidade, denuncia preconceitos e barbáries, destaca marcas do chão caatingueiro e de quem nele vive e cria, mas sobretudo traz essa voz de mulher que não se rende às imposições patriarcais, nem sucumbe às violências e estereótipos dirigidas ao povo dos semiáridos. Em *LiterÁridas*, temos uma voz poética que é coletiva, plural e também política.

No texto de apresentação de *LiterÁridas*, um trecho nos faz viajar nos sentidos da obra:

Eis que a Literatura estende seus braços e traça um mapa poético das nossas (re) existências. Chão-Ser-Tão força e verso plural, ecoando nas vozes diversas dessas mulheres que se insurgem, subvertendo os padrões patriarcais historicamente silenciadores. Tal qual as “escrevivências” ou escritas do cotidiano, das experiências e memórias, criadas pela escritora e poeta Conceição Evaristo, a poética que aqui reverbera é o alinhavo teimoso em cores, sons e cheiros das múltiplas vivências dessas mulheres e de todas as outras que são em nós. Uma arte que representa sujeitos e suas relações, por meio da palavra, que é também atravessada pelas assimetrias a elas inerentes, sobretudo as de gênero e raça. (RIBEIRO, 2021, p.8)

Assim, *LiterÁridas* é toda essa teia plural e pulsante de vivências das mulheres semiáridas.⁴

IO. Como você consegue equilibrar o seu trabalho como poeta, professora e escritora no seu dia a dia? ¿ Como você acha que cada uma dessas facetas contribui para o seu desenvolvimento criativo e literário?

PR. Talvez não haja equilíbrio, mas movências, contaminações e transbordamentos.... Os movimentos entre as atuações é que, talvez, sejam a parte mais interessante; desequilibrar-se no entre para manter as inquietudes e profusões em constante **entrecruzamento**. A poeta, a professora, a escritora e ainda a pesquisadora não se afastam, antes se contaminam, tensionam e entrecruzam

⁴ A obra pode ser acessada livremente neste link: <https://www.calameo.com/read/0066495337d1553141752>

suas vivências e vozes. Em mim, o corpo-palavra-poesia-ação é vasto e multi-habitado e nele a poesia é quem impulsiona os caminhos.

É essa poesia maior de estar viva e atuante numa sociedade desigual, patriarcal que me move e, com ela, vou também movendo e interligando os campos em que atuo. Enquanto professora da educação básica de escola pública e rural sempre busquei permear minhas ações pela força da palavra, estimulando os alunos e alunas à livre expressão de serem e estarem no mundo como sujeitos de direitos e respeitando suas subjetividades. Desse modo, a fruição e criação literária, sobretudo poética, sempre são presentes em minhas aulas, não somente por serem conteúdos programáticos constantes nos programas curriculares hegemônicos, mas, principalmente, pela literatura, a poesia, as artes em geral, propiciarem essa consciência de ser e estar no mundo também como agente transformador.

É dessas trocas, das contaminações e transbordamentos que minhas escritas brotam, sejam elas em poesia e prosa. Meu processo criativo dá-se muito nesse estado de transição no entre-lugar da mulher caatingueira que sonha, labuta, grita e canta ladainhas de celebração à junção de forças femininas. Escrevo a partir do que vejo, sinto, sonho – seja o sonho desejo ou o sonho experiência mental durante o sono. Logo as tantas que sou são as metáforas mais potentes da minha criação e existência. Existo pela palavra e nela sou.

IO. Falando de Endométrio: ¿Como ele influenciou sua experiência como mulher e sua conexão com o endométrio e seu corpo, e como esses elementos se manifestam em sua poesia?

PR. O processo de escrita dos poemas que compõem Endométrio relacionou-se diretamente com o meu processo de agravamento no quadro de saúde e busca por diagnóstico, até a confirmação das doenças (endometriose profunda e adenomiose). Escrevia para não sucumbir à dor, aos sangramentos contantes, à indiferença médica, às injustiças, às acusações e preconceitos atrelados a toda sintomatologia e impactos psicossociais das doenças. Escrevia para buscar me conectar com alguma força sobrenatural que desse sentido e vontade de continuar vivendo. Escrevia para tentar entender os rasgos que as doenças seguiam fazendo no meu corpo e mente. Escrevia para me vingar da tirania patriarcal incrustada nas várias instituições sociais. Escrevia para costurar as feridas que se abriam na minha pelve e tentar estancar o sangue que derramava, mas também escrevia para sangrar mais e adubar o chão de esperanças de uma sociedade mais justa e igualitária. Escrevia para me acolher, me acalantar; para ninar a menina assustada que às vezes acordava em mim. Escrevi Endométrio para manter-me viva e para não deixar cair no esquecimento a morte de outras mulheres, algumas tão próximas de mim.

Desabrocha o útero em pétala *rouge*
Que nas pernas escorre,
Marcando o ritual santificado
De bruxaria metafísica.
O vermelho intenso
Que repuxa as veias
E remexe o ventre
Faz orgia tanta em meu humor.
(RIBEIRO, 2019, p.26)

Assim, a poesia que mora em Endométrio é uma poesia de corpo [real, disforme, prova eficaz de abusos e resistências]. É poética com sangue e grito de mulher. É uma poesia para arrelhar quem lê e não para conformar.

IO. Como as redes sociais facilitaram a colaboração entre mulheres, coletivos e a disseminação da poesia como uma forma de resistência e empoderamento atualmente?

PR. As redes sociais são uma ferramenta fundamental para a junção, partilha, propagação das artes produzidas por grupos e sujeitos subalternizados e invisibilizados, a exemplo de nós mulheres, especialmente, as que vivemos em territórios marginalizados. Especialmente durante a pandemia do Covid-19, onde as medidas de distanciamento social foram essenciais para salvar vidas, as redes sociais não só encurtaram as distâncias como também favoreceram ao amparo e às trocas afetivas e criativas.

É graças as redes sociais, por exemplo, que coletivos de mulheres que residem em localidades afastadas umas das outras podem conectar-se, produzir, pensar estratégias de circulação artística-literária e colocar suas vozes no mundo. Foi assim que construímos as obras coletivas *LiterÁridas* e *Úmidas* e, assim também, que participamos de eventos literários em outras cidades e estados, fortalecendo parcerias e criando outros caminhos de criação.

Referências

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo horizonte: Editora UFMG, 2014.

RIBEIRO, Pók. **Endométrio**. Juazeiro: Clae, 2019.

RIBEIRO, Pók. Apresentação. In: MADANÇA, Ádila; RIBEIRO, Erika Jane;

VIRÓRIA LUISA (org.) **LiterÁridas**. 1. ed. São Paulo: Editora Brilho Coletivo, 2021.p.8

Como citar este conto

HORTAL, Inés. Entrevista com Pók Ribeiro: o corpo que é meu. **Revista Narrares** – V.2, N.1, Jan-Jun, 2024, pp. 179-188.